

No AMOR e na GUERRA

Três mulheres
separadas pela guerra...

... mas unidas
pelo mais puro amor.

A woman in a black coat and blue hat is shown in profile, looking out over a city in ruins. She is standing in a stone archway. The background shows a city with many destroyed buildings and a large, partially ruined cathedral. The sky is a pale, hazy blue.

LIZ TRENOW

AUTORA BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

TOP
SEL
LER

*Dedico este livro ao Tenente Geoffrey Foveaux Trenow,
da Brigada de Espingardas de Londres, que recebeu a Cruz Militar
por bravura e morreu na Flandres em setembro de 1917.
O seu corpo nunca foi encontrado.*

Quando visitares a campa do teu herói,
Ou uma localidade sem lar onde ele tombou,
Lembra-te, no orgulho que se reacende no teu coração,
Dos soldados alemães que foram leais e valorosos.

Os homens combateram como bestas; fizeram-se coisas pavorosas;
E tu alimentaste o ódio, agreste e cego.
Mas, nesse Gólgota, talvez possas encontrar
As mães dos homens que mataram o teu filho.

«Reconciliação», SIEGFRIED SASSOON, 1918

CARTAS AO EDITOR

THE TIMES, JUNHO DE 1919

Cavalheiros,

Gostaria de manifestar o meu choque e desagrado ao ler, no vosso jornal, um grande anúncio a uma agência de viagens prestigiada que promove «Visitas aos Campos de Batalha», estadias de cinco dias nas zonas de Ypres e do Somme, no Norte de França e da Bélgica.

No dia logo a seguir, publicaram um artigo sobre o mesmo tópico, em que se afirmava já ter havido vários milhares de visitantes nessas excursões, com a dita agência e outras. O artigo tinha a ilustração de um grupo de senhoras a fazer um piquenique ao lado de um campo de batalha, devidamente sinalizado.

Serei o único a considerar de péssimo gosto que estes lugares sagrados, onde jazem tantos dos nossos bravos homens, que deram a vida pelo Rei e pela Nação, sejam agora profanados pelo espetro do turismo comercial?

Cordialmente,

Cavalheiros,

O vosso correspondente diz-se chocado com a ideia de que os campos de batalha do Somme e do Salient «sejam agora profanados pelo espectro do turismo comercial».

Acabei de voltar de uma dessas visitas, e tenho de admitir que foi o extremo oposto de tal coisa. Empreendi esta romaria com a minha esposa, ambos imbuídos da maior humildade, e com o único intuito de honrar a memória sagrada dos nossos dois filhos, ambos perdidos na guerra, e trouxe-nos grande consolo visitar os lugares onde tombaram.

Além disso, os visitantes, como nós, proporcionam um rendimento vital a estas zonas, que ajuda a apoiar a tarefa quase inconcebível da reconstrução das aldeias e vilas devastadas pela guerra.

O sacrifício dos nossos homens bravos nunca pode ser esquecido. Acreditamos que as visitas aos campos de batalha sejam uma forma de continuar a recordar a importância de lutar pela paz mundial, em décadas e séculos vindouros.

Cordialmente,

1



RUBY

JULHO DE 1919

Parecia o mais estranho dos sonhos, ali de pé, no convés do navio a vapor, sob o céu azul, com o sol a refletir-se no mar como um milhão de diamantes. À sua direita, os telhados de lousa cinzenta da pequena localidade, encavalitados quase como quem pede desculpa no sopé daquelas falésias magníficas, tão mais altas e mais alvas do que ela jamais imaginara. Mal podia crer que estava prestes a deixar a costa de Inglaterra, pela primeira vez na vida. Não era aventura que tivesse procurado, muito menos desejado. Porque havia de querer atravessar aquela extensão de água traiçoeira, o Canal da Mancha, para visitar um país recentemente destroçado por quatro anos de acontecimentos trágicos e aterradores? Tinha ainda apenas 21 anos, mas considerava que a sua curta vida era já suficientemente trágica sem incitar mais perigo e desgosto.

O que ela mais queria, agora em tempo de paz, era ter uma vida calma e ordeira, honrando a memória dele com trabalho árduo e bondade para com os outros que, como ela, estavam de luto. Havia tantos, pelo amor de Deus. Não havia família que a tragédia não tivesse atingido. Ela tentaria resguardar-se só para si; não deixaria, nunca mais, que lhe destroçassem o coração. «É o melhor que posso fazer», escreveu no diário. «A *única* coisa que posso fazer, quando ele deu o seu futuro para que os outros ficassem a salvo dos boches. De que outro modo poderemos dar sentido a tudo isto?»

Por conseguinte, quando os pais dele, depois de servirem o chá naquela tarde de início de junho, a fizeram sentar solenemente numa das poltronas estofadas e a presentearam com a brochura da Thomas Cook, ela pensou que só podiam estar a brincar.

— «Visitas aos campos de batalha na Bélgica e em França» — leu, em voz alta. — Por que raio é que alguém haveria de querer ir a tal sítio, armado em basbaque...? — Viu Ivy fazer um esgar, e as palavras sumiram-se-lhe da boca.

A sogra era frágil como vidro; não conseguia aceitar que o seu único filho morrera. Nunca fora pessoa de sair muito, e a sua saúde ressentia-se desde que Ruby a conhecia, o que lhe parecia desde sempre.

Quando começaram a namorar, ela achava estranho que ele raramente a convidasse para sua casa. «A minha mãe está adoentada», dizia ele, ou «Ela queixa-se de que eu sujo tudo.» Agora, Ivy era um débil sopro de mulher, quase não parecia deste mundo, com uma palidez fantasmagórica, da falta de ar fresco. Passava grande parte do tempo de cama, ou, pelo menos, no quarto.

* * *

Ruby e Bertie conheceram-se na escola e ficaram amigos, até que um dia, num passeio juntos, a mão dele pegou na dela. Não pararam nem disseram nada; caminharam em silêncio. Porém, o calor do toque dele foi como eletricidade no braço dela, e ela soube, então, que ficaria com aquele rapaz para sempre. «Eu *amo* o Bertie Barton!», escreveu no diário nessa noite, rodeando as palavras com círculos tortos, corações desenhados a lápis de cor vermelho. Escreveu repetidamente, no estojo, no caderno da escola, na lista de compras, no lado de dentro do pulso. Nunca ninguém duvidou de que Ruby amava Bertie, e vice-versa.

Nisto, pouco depois, deu-se uma tragédia. O pai dela, capataz num estaleiro naval da pequena localidade de Suffolk, foi esmagado por um motor marítimo que caíra de uma grua. Teve morte imediata. Ela não se lembrava muito dos dias seguintes — apenas de que a mãe não parecia estar lá, tão vazia, tão absorta no seu desgosto, a ponto de não ter como consolar Ruby.

Agora, lembrava-se somente de que Bertie estivera sempre a seu lado, abraçava-a quando ela chorava, preparava chávenas e chávenas de chá com muito açúcar, e levava-a a passear para a distrair, com histórias da natureza: que pássaro tinha determinado canto, quais as flores que se davam em determinados sítios, como floriam cuidadosamente alinhadas com a chegada de determinados insetos; quais das tocas no chão eram de texugo, raposa ou coelho. Na memória dela, ele crescera, quase da noite para o dia, de menino de escola até se fazer homem.

Os abraços e as mãos dadas logo passaram a beijos, descobertas furtivas atrás da arrecadação do jardim, e a declaração de amor não tardou. Uma tarde, sozinhos em casa, ele levou um joelho ao chão e presenteou-a com um anel de noivado de diamantes, para o qual, admitiu bastante envergonhado, o pai lhe emprestara dinheiro.

Bertie tornou-se o seu mundo. Ruby nunca olhou para outro rapaz, e sabia que nunca olharia. Ele dizia que ela era a única rapariga, para sempre. «Bertie e Ruby, para sempre!», escreveu ela em letras enormes numa página nova do diário, rodeando as palavras com mais corações.

Eram o par perfeito, em todos os aspetos: fisicamente bastante parecidos, com cabelo louro-escuro encaracolado e sardas na cara — não eram nem muito bem-parecidos nem feios; apenas «normais», como ele adorava dizer. Um par de normais. Ele dizia que os olhos castanhos dela eram como vinho de gengibre; ela dizia que os dele lhe faziam lembrar avelãs. Ambos adoravam dançar, passear e contar histórias tolas, ou jogar às cartas no *pub*, num serão com o seu grupo de amigos mais íntimos. Era evidente que seriam felizes para sempre. Ela não podia imaginar que as coisas se pudessem passar de outro modo.

Quando afixaram os avisos de recrutamento, ela pediu-lhe para ele não se alistar. Contudo, a pressão aumentou, com todos os rapazes a alistarem-se, e ela fê-lo prometer que voltaria são e salvo. Homem de palavra, ele voltou duas vezes, com dispensa do serviço militar. Vinha mudado: parecia ter crescido vários centímetros e estava fisicamente mais forte, com músculos que ela nunca vira. Desaparecera o Bertie

brincalhão; estava mais sério e introspetivo; custava-lhe a fazer conversa em grupos grandes. Dentro de portas, mostrava-se nervoso e pouco à vontade.

Só parecia descontrair-se quando passeava no campo e na mata com Ruby. Todavia, e por mais cuidado que ela tivesse a fazer perguntas, ele recusava-se a falar daquilo que se passava. Só no último momento se descaiu, dizendo que aquela seria a sua última licença durante algum tempo: iam ser destacados. Não disse para onde.

Casaram-se na segunda-feira antes da partida, um assunto tratado à pressa na conservatória. A mãe dela poupava há anos para aquele momento, e, ao ver Ruby de vestido de noiva, desatou a chorar.

— Com ou sem guerra, terão um dia para recordarem para o resto da vida — disse.

E que dia! O Sol a brilhar, as nuvens brancas e gordas no céu, os sorrisos de muitos e bons amigos, uma alegria tal que Ruby sentia-se prestes a rebentar. As duas noites no Hotel do Moinho — a lua de mel — foram as mais felizes da sua vida. Embora tímidos um com o outro ao princípio, ela descobriu em si um novo mundo de paixão, de intensa felicidade, que parecia ter esperado nos bastidores durante todos os anos de meninice. Sentia-se completa.

Passaram o dia a percorrer os prados ribeirinhos, paravam para ver os misteriosos peixes castanhos que nadavam languidamente contra a corrente, a ouvir as cotovias a piarem mais acima, e, uma vez, viram o lampejo azul brilhante de um pica-peixe.

— Não quero que isto acabe — suspirou ela, tonta de contentamento. — Por favor, não vás, Bertie. Não suporto ficar sem ti.

— Volto logo, prometo — disse ele. E ela acreditou.

Mesmo quando ele se foi embora, Ruby recusou preocupações, determinada a manter-se forte e alegre. Era o que ele lhe pedira, afinal. Ele cumpria o seu dever pelo Rei e pela Nação e prometera-lhe, com a mão no coração, que ficaria longe do perigo. Claro que ela sentia a falta dele, claro que chorava até adormecer. Porém, ele não tardaria a voltar, disso tinha a certeza. Bertie cumpria sempre as suas promessas.

Por conseguinte, quando, cinco meses depois, Ruby recebeu um telegrama, seguido do modelo B104-83 do exército, datado de setembro de 1917 — «Lamentamos informar que o seu marido, Albert Barton, foi dado como desaparecido em combate em Passchendaele» —, recusou-se a considerar que ele não estivesse mais do que temporariamente incontactável. Erigiu um muro apressado à volta do coração, não se permitindo contemplar sequer outro desfecho. «Ele prometeu voltar para casa, são e salvo, e ele cumpre sempre as promessas», escreveu ela. «Há de regressar logo.» Até o conseguia ouvir: «Fui só fumar um cigarro, meu sargento. Não teve saudades minhas, pois não?» Na escola, ele arranjava sempre sarilhos, pelo descaramento que tinha.

Ela continuaria calma e seguiria com a vida, tal como os cartazes exortavam, obrigando-se a vestir-se a cada dia, a comer as refeições que a mãe cozinhava atenciosamente, mas que, aos seus sentidos empedernidos, sabiam a papelão. No caminho para o emprego, cumprimentava com um aceno de cabeça os passageiros habituais no autocarro, fazia conversa de circunstância sobre o tempo. No emprego, aplicava-se com a eficiência de sempre, exibia um sorriso na cara para colegas e fregueses, na esperança de que ninguém lhe perguntasse por ele.

Acabou por se saber, como era de prever. Afinal, ele era filho do patrão, na Hopegoods, os armazéns unissexo na High Street, onde ela trabalhava, na secção masculina. Após a primeira ronda de comentários compassivos, os colegas aprenderam a não falar dele. Aquele género de notícia já era quase vulgar.

Porém, os meses passaram, sem mais notícias, e o muro protetor de Ruby começou a desintegrar-se, fazendo-a cair num abismo de desgosto e de culpa, numa agonia muito real e física, da qual não conseguia fugir. Parecia que estava no fundo de um poço, cercada de escuridão por todos os lados, apenas com um vislumbre de luz impossívelmente longe de contemplar e demasiado extenuante para alcançar. Havia dias em que sentia, simplesmente, que não podia seguir com a vida, e, por vezes, ao passear à beira-rio, imaginava-se a entrar a vau na lama funda e a entregar-se à corrente fria e impiedosa.

Porém, nunca encontrou coragem. A mãe, que ainda estava de luto pela sua própria perda poucos anos antes, fez o que pôde para confortar a filha, mas não havia nada que lhe minorasse a dor.

O grupo de amigos, outrora íntimos, afastou-se, um a um, perante as recusas persistentes de Ruby em sair com eles, deixando de a convidar, de aparecer sequer. Ela deixou de escrever no diário, porque não lhe ocorria nada para dizer. Sentia-se uma concha vazia, daquelas que se encontram na praia, esbranquiçada e descorada pelo sal e pelo sol, difícil de imaginar que outrora contivera uma criatura. Não se lembrava da última vez que se havia rido.

No entanto, como poderia viver de outro modo? Sem Bertie, sentia-se meia pessoa, não se sentia viva de todo. Não desfrutava de nenhuma das coisas que eles gostavam de fazer juntos: ir ao *pub*, ao cinema, a bailes, passear na mata. Vestia-se sempre de preto; ocasionalmente, de antracite. Ele fizera o maior dos sacrifícios, refletia ela, pelo que de que outro modo o poderia honrar? Parecia-lhe um insulto à sua memória usar algo alegre. *É assim que a minha vida vai ser até morrer. É justo.*

As visitas regulares aos pais dele, por obrigação, só serviam para sublinhar aquela ausência mútua. Era como uma faca no coração ver a mãe dele tão destroçada, o pai tão estoico. Depois das visitas, sentia-se esgotada, como se carregasse o fardo do luto deles, além do seu. Saía da casa sobreaquecida, olhava para o céu e respirava fundo, tentando recuperar forças no ar fresco. *Um passo de cada vez*, dizia para consigo. *Um dia de cada vez. Esta tristeza há de amainar.*

Claro que não amainou, não propriamente. O desgosto era, por vezes, tão intenso que lhe tirava o fôlego, e, no emprego, tinha de se esconder na casa de banho para se recompor. Descobriu, por tentativa e erro, como apresentar ao mundo um semblante corajoso. Ao princípio, era uma máscara muito pouco fiável, tão ténue que ameaçava estilhaçar-se a uma mera palavra mais descuidada ou recordação provocada, mas, com o passar dos dias, semanas e depois meses, o disfarce foi ganhando durabilidade, até que, dois anos volvidos, quase se tornara uma extensão natural do seu eu. Aliás, ela já não sabia bem quem era o seu eu.

Sabia, contudo, que nunca trairia a memória dele. Nunca mais. Tivera um momento de loucura com um homem que ela nunca vira antes, e que não mais tornara a ver, mas a culpa pesava-lhe no coração com uma dor que parecia nunca sarar.

* * *

Encarava as visitas bissemanais aos sogros como uma obrigação para com Bertie, obrigação que cumpriria para o resto da vida. Afinal, ainda era a sua esposa, e sempre o seria. Com efeito, o Sr. e a Sra. Barton referiam-se a ela como «a nossa filha». Não tinham mais ninguém, agora que ele desaparecera.

Porém, a conversa era sempre difícil. Ivy parecia incorpórea, como um dente-de-leão, passível de ser soprada para longe à mínima palavra errada. Albert sénior mostrava-se inalterado, brusco e nada comunicativo, mas, pelo menos, era geralmente sólido e previsível. De qualquer forma, Ruby nunca poderia ter previsto aquele momento, aquela pequena brochura da Thomas Cook, as caras deles, tão solenes e expectantes.

— Uns amigos nossos fizeram uma destas visitas — disse ele. Ela começou a descontrair-se. Talvez ele estivesse só a mostrar-lhe a brochura para fazer conversa. — Recomendaram-nos. Encontraram a campa do filho, compreende? Disseram que foi difícil, mas que lhes deu grande conforto.

— Estão a pensar ir também? — perguntou ela.

— Pensámos nisso, mas... — Ele inclinou a cabeça para a esposa, que secava os olhos com um lenço, em silêncio. — Gostaríamos de saber se... — Hesitou. — Se a Ruby poderia ir por nós?

Estão senis?, pensou Ruby. *Eu, a viajar para os campos de batalha, sozinha? A percorrer as trincheiras em busca de um sinal dele, num grupo de turistas basbaques?* Não era apenas loucura, roçava o mau gosto.

Albert prosseguiu:

— Para prestar homenagem da família. Como não temos campa, compreende?

Oh, como compreendia! Nunca tinham encontrado o corpo de Bertie. Era uma das coisas que mais custava: não saber como morrera,

não imaginar onde jazia. Ela ainda tinha pesadelos — alimentados por fotografias na *Illustrated London News*, para onde só conseguia olhar de olhos semicerrados — com o corpo dele emaranhado no dos outros, soterrado e a apodrecer num buraco lamacento, algures perto de Ypres. Fitou a brochura, mas as frases dançaram-lhe diante da vista. Amava Bertie, claro que sim, amá-lo-ia sempre. Mas decerto aquilo seria ir longe demais. Como é que ela sobreviveria a ver, com os próprios olhos, aqueles lugares de horror?

— Querida? — instou Albert. — Estaria disposta a isso?

— Realmente não me parece que... — começou ela, mas ficou sem palavras. Certamente que eles não lhe pediriam que fosse sozinha àquele lugar terrível, pois não?

— Ouve-se estas notícias, sabe... — sussurrou Ivy.

Era um refrão familiar. Durante alguns meses após o armistício, em quase todas as visitas à residência Barton, aparecia um recorte de jornal: fotografias de homens que tinham regressado milagrosamente, esqueléticos, mas vivos, fugidos de campos de prisioneiros de guerra, tendo caminhado centenas de quilómetros desde a Alemanha, ou tendo ficado escondidos nos bosques da Flandres durante meses, anos até, com medo de serem considerados desertores. Convidavam-na a especular quanto ao que teria acontecido a Bertie — podia ter sido feito prisioneiro ou ficado ferido e sido ajudado por uma família belga, que o tinha a salvo — e quanto à possibilidade de ele aparecer, um dia.

Embora Ruby soubesse que tal era infinitamente improvável, depois dessas conversas, por vezes, sonhava com isso: um homem a sair do fumo da batalha em direção a ela, o rosto enegrecido da sujidade, a farda rasgada e a cabeça sem boina. Depois esse rosto abria-se no seu sorriso lindo, e ela ficava boquiaberta, incrédula, correndo para ele.

Acordava, chorosa, a ver a aurora nascer pelos cortinados, a ouvir os pássaros a afinarem-se para o coro matinal: uns pios hesitantes, a princípio, seguidos de um único melro territorial, e depois o resto que se juntava ao refrão, a plenos pulmões. O mundo cruel permanecia lá fora; ela permanecia ali, sozinha, e ele morrerá. A única maneira de sobreviver era empedernir o coração.

O ano de 1919 continuou, e os relatos de regressos milagrosos foram escasseando, até que, quase para alívio de Ruby, pareceu que se extinguiram por completo. Tinha esperança de que, pelo menos então, Ivy começasse a aceitar que ele não voltaria para casa.

Mas não. A tia Flo, do lado de Bertie, fora a uma sessão espírita uns meses antes, e perguntara por ele. A médium tinha dito banalidades — na interpretação de Ruby, não de Flo —, que ele estaria sempre com eles, e isso foi entendido — de forma distorcida, na opinião de Ruby — como uma indicação de que ele ainda estava nesta terra, de algum modo. Aparentemente, estaria ferido, a recuperar no hospital. Ruby não acreditava numa única palavra. Se estivesse no hospital, já lhes teria constado.

— Pensámos que a Ruby conseguiria encontrá-lo — murmurava agora Ivy, inclinando-se e pegando-lhe na mão. — Significaria tanto para mim, querida. Não creio que tenha força para continuar a viver sem saber se ele ainda está vivo, algures. Ou pelo menos sem saber onde repousa em paz.

Era uma ideia ridícula, e nem por sombras Ruby aceitaria ir à Flandres sozinha. Tinha de arranjar maneira de recusar, amavelmente, para não lhes causar mais sofrimento. Folheou a brochura, só para parecer disposta a isso.

— Está na página 14, o itinerário que achámos ser adequado — disse Albert, debruçando-se para a ajudar a virar as páginas. — Não é caro. Dá tempo de sentir o ambiente do lugar e visitar os sítios que a Ruby tem de ver.

— «Uma semana em Oostende» — leu ela. — «Com excursões a Ypres e aos campos de batalha belgas. Partidas de Londres às terças, quintas e sábados. Inclui bilhetes de viagem (comboio em terceira classe, vapor em segunda classe), sete dias de pensão completa num hotel particular, que consiste em *café complet*, almoço, jantar e dormida; elétricos para Zeebrugge e Nieuwpoort. Todas as excursões têm um guia.» — Seguia-se um itinerário pormenorizado. O preço, para a viagem e o alojamento, ambos em segunda classe, era de 13 guinéus. — Mas é uma fortuna! — disse ela. — E os extras... —

Fez rapidamente contas de cabeça: seria o equivalente a quase três meses de salário.

— Não se aflija, querida, já combinámos. — Parecia que Albert lhe lera o pensamento. — Pagamos nós, claro.

— Eu nunca poderia...

— Fui visitar a sua mãe esta manhã — continuou ele. — Pareceu-me acertado informá-la do que lhe iríamos pedir, e quis que ela ficasse descansada quanto a tudo.

Por momentos, Ruby sentiu-se traída. Porque é que a sua mãe não lhe falara nisso? Depois lembrou-se de que viera do trabalho diretamente para ali; ainda não tinha ido a casa.

— Mas eu nunca fui ao estrangeiro, muito menos sozinha — disse. — Não sei falar francês, ou seja lá que língua falam na Flandres.

Albert empertigou-se na poltrona, exibindo a expressão mais atenciosa que conseguiu.

— Compreendemos que lhe pedimos um ato de coragem em nosso lugar, minha querida — disse. — Mas a Ruby é uma mulher madura e responsável, e estará em excelentes mãos. A Thomas Cook é uma agência de prestígio; a Ruby viajará com um pequeno grupo e um guia, que tomará sempre conta de vocês.

Ela ergueu de novo os olhos da brochura e fitou Albert, o seu olhar tão grave, quase desesperado. Só então compreendeu plenamente que ele falava muito a sério. De súbito, sentiu-se atordoada; não conseguia acreditar que aquilo estivesse a acontecer.

— Contactei-os pessoalmente, para ficar descansado — continuou ele. — Acompanho a Ruby a Londres, para garantir que é recebida pelo representante deles na estação de Victoria. Terá todas as refeições incluídas, e tomarão sempre conta de si. Minha querida — disse ele, debruçando-se tanto que ela conseguiu sentir-lhe o hálito a cachimbo —, nunca teríamos sequer pensado em deixá-la ir se assim não fosse. É demasiado preciosa para nós.

— Posso ter uns dias para pensar? — pediu ela, obrigando os lábios a sorrir. Falaria com a mãe, para ficar do seu lado, pedindo-lhe que os dissuadisse daquela ideia louca.

— Com certeza, minha querida. — Albert levantou-se da poltrona para lhe apertar a mão. Era o contacto físico mais próximo que ela tinha com ele desde aquele dia terrível do telegrama, quando até lhe pusera um braço pelos ombros. Virou-se para Ivy. — Vamos fazer mais chá, querida? — Depois de a esposa sair da sala, ele sussurrou: — Eu iria consigo, Ruby, mas sabe que ela está muito frágil e não pode ficar sozinha uma semana inteira. Está desesperada por notícias, boas ou más. Sem isso, acredito verdadeiramente que vá definhar.

— Talvez eu possa ficar com a Ivy, e vai o Albert? — sugeriu ela, mais na esperança do que na expectativa.

— Sim, eu também sugeri isso, mas ela insiste que não pode ficar sem mim. Aparentemente, sou o único que a compreende. — Ele passou a mão pelo pouco cabelo, num gesto que, por instantes, revelou a exasperação, a exaustão, o pesado fardo que carregava. Inclinou-se outra vez e falou em tom de confiança. — Além disso, pensámos que, indo sozinha, a Ruby poderia conseguir algum consolo pessoal, minha querida. Os nossos amigos insistem que é uma agência de boa reputação, e que é perfeitamente seguro uma jovem viajar sozinha. Aliás, havia várias senhoras sem companhia na visita que eles fizeram. Hão de apresentar-nos pessoalmente o guia, um antigo major do exército e uma excelente pessoa, disseram. — Era chantagem emocional, e Ruby sabia-o, mas não tinha como resistir. — A Ruby parece ser tão forte, e isto significa tanto para ela — continuou ele. — Compreende, não compreende?

Ela não se *sentia* forte. Conseguia ir sobrevivendo, dia após dia, a fazer coisas que lhe eram familiares. Mas viajar sozinha para a Bélgica? Visitar os campos de batalha?

Os olhos castanhos de Albert faziam-lhe tanto lembrar os de Bertie, bondosos e suplicantes. Ela nunca conseguira recusar nada àquele olhar quando ele era vivo, e parecia-lhe que recusar o pedido do pai poderia ser um insulto à sua memória, talvez até uma negação da sua própria existência. Cada qual à sua maneira, os pais dele depositavam esperança nela, e Ruby não queria nada causar-lhes mais sofrimento.

— Nenhum de nós irá recuperar, claro, mas talvez a Ruby possa trazer algo... — Albert abanou a cabeça, sem palavras. — Uma recordação, não sei bem o quê... talvez um postal, uma flor, qualquer coisa que permita ao coração dela descansar. Ficar-lhe-emos eternamente gratos.

— Seria para quando? — perguntou Ruby. — Prometi à minha mãe que teríamos uns dias de férias no verão. Ela quer ir ver o mar, e a tia May ofereceu-se para nos emprestar a cabana da praia.

— Seria só uma semana, e pensei que o melhor seria no início de julho, quando a travessia será mais calma. Falarei com a Sra. T.

Ruby sentia urgência de falar naquele momento, antes de se ir embora, senão pensariam que concordava. Nisto, Ivy voltou da cozinha com o bule do chá, serviu uma nova chávena e passou-lha por cima da mesa, com um sorriso tão cativante que Ruby não conseguiu dizer nada.

Nessa noite, falou com a mãe. Poucos anos depois de ficar subitamente viúva, Mary tinha conseguido uma vida nova para si: aceitava costuras para complementar o modesto salário de Ruby, entrara para o Instituto Feminino, fazia bolos maravilhosos, tratava da horta do falecido marido e aprendera a plantar batatas, beterraba, feijão e hortaliças para salada, de modo a poupar nas despesas com a alimentação.

Ao longo dos meses e dos anos, tornara-se a confidente mais íntima de Ruby, a sua melhor amiga, a única pessoa, sentia ela, que compreendia verdadeiramente aquilo por que estava a passar: a dor diária do luto.

— Não quero ir, mãe — disse Ruby. — Parece-me de mau gosto.

— Eles estão com essa ideia fixa, sabes? — Mary passou-lhe uma caneca de chocolate quente. — O Sr. B veio cá esta manhã. Eu estava com pressa para apanhar o autocarro, mas ele insistiu em dizer ao que vinha. A Ivy está convencida de que o Bertie ainda está vivo, algures.

— A culpa é daquela irmã malvada, a que foi à espírita. — Ruby suspirou, afastando a nata do leite com as costas da colher.

— A decisão é tua, meu amor. Eu disse-lhe que era contigo.

— Se tiver de ir, vens comigo?

— Como é que temos dinheiro para isso?

— Podíamos pedir-lhe para pagar a tua parte também.

— Chiu, menina, que não nos quero com dívidas! Seja como for, não posso tirar mais folgas se quisermos aproveitar a oferta que a tia May fez em relação à cabana na praia.

— Tenho medo, mãe. Da lama, dos campos de batalha, de tudo. Até de encontrar a campa dele.

Mary pousou a caneca e aproximou-se, para lhe acariciar o braço.

— Nunca se sabe... Pode ajudar, minha querida.

Ruby não estava convencida, embora comesse a aceitar que não tinha outra escolha senão cumprir a sua obrigação para com os pais de Bertie. Teria de se cobrir muito bem com aquela carapaça protetora de insensibilidade, empedernir o coração e concentrar-se em sobreviver.

Com o aproximar da data, tentou não pensar muito nisso, mas era impossível livrar-se da náusea da expectativa receosa que lhe invadia o estômago.

* * *

Depois do casamento, Ruby arranjava emprego como vendedora na Hopegoods. Albert herdara o comércio do pai de Ivy, e Bertie também lá trabalhara, «a aprender o ofício». Sempre se partira do princípio de que ele se tornaria gerente, depois de o pai se aposentar.

— Não posso simplesmente ficar em casa sem fazer nada, contigo em França — dissera Ruby, um dia. — Não te importas, pois não, que eu arranje emprego? Sinto que devo fazer alguma coisa pelo esforço da guerra.

Ele sorria-lhe, aquele sorriso de derreter corações, que lhe iluminava o rosto e fazia leves rugas nos cantos dos olhos, e puxara-a para si, beijando-a na testa, onde os seus lábios chegavam naturalmente.

— Querida Rube, faz o que entenderes. Quando eu voltar para casa e começarmos a ter pequenitos, podes ser uma senhora ociosa.

Ela candidatara-se para ser revisora nos autocarros em Ipswich, mas já não havia vagas. Ofereceram-lhe emprego na fábrica de munições, mas a mãe não deixara. «É tão perigoso», dissera-lhe. «Eu não

aguentaria se te perdesse, minha querida. Porque é que não perguntas ao Sr. Barton se tem vagas nos armazéns?»

Por conseguinte, nos últimos três anos, ela trabalhara na secção masculina, subordinada à temível gerente, Ada Turner, uma viúva a quem chamavam apenas Sra. T, casada com o trabalho e, aparentemente, sem outros interesses. Nunca falava da família, onde morava, o que fazia nos dias de folga, mas sabia de cor a referência de cada uma das 200 cores de linhas, o novelo certo para cada fim: costura genérica, trabalho mais pesado, ponto de luva e sarjado, bordados, colchas e mantas de retalhos, e os belíssimos fios de seda luminescentes para labores finíssimos.

Sabia orientar os fregueses para o tecido apropriado ao traje, aconselhar qual a goma a usar ou o fecho correto, entre as dúzias que vendiam, e ajudar a escolher, entre mais de uma centena de estilos, variedades e tamanhos, o tipo de botão certo. Os fregueses adoravam-na. Se não estivesse ao balcão, por qualquer motivo, ficavam a ver os catálogos de padrões até ela voltar. Quando voltava e assumia uma transação que Ruby iniciara, esta sentia-se uma segunda escolha.

Ao início, a Sra. T e o resto do pessoal mostraram-se cautelosos e, de certa forma, desconfiados em relação a Ruby, a nora do patrão. Porém, ela mantivera-se discreta e trabalhara com afinco para conquistar confiança e respeito. Inicialmente, sentira-se assoberbada com tanta informação que devia assimilar, mas foi ganhando conhecimentos e descobriu que gostava do trabalho e de conhecer os seus *habitués*. Os catálogos de padrões eram tão cativantes que ela ansiava por experimentá-los também.

Desempoeirou a velha *Singer* da mãe e começou com peças modestas, como saíotes e aventais, mas logo se tornou mais afoita, a fazer saias e até, mais recentemente, um casaco de sarja de lã verde, justo na cintura, com pregas atrás e à frente. Era a primeira vez que não usava roupa preta, desde aqueles dias terríveis em 1916, mas era suficientemente sóbrio, pensou.

Usava-o agora ali, no convés do navio, com a saia preta que fizera a combinar e um chapéu *cloche*, comprado nos armazéns com o desconto

de empregada. No braço, trazia a gabardina de verão que o sogro lhe dera uns dias antes. «Pode precisar disto, pois costuma chover na Flandres.»

Pela etiqueta, via-se que era de muito boa qualidade, o último grito em sarja de algodão antracite, mais luxuosa e certamente mais cara do que ela poderia suportar. Que orgulho sentiria Bertie, pensou, ao ver o seu reflexo nas montras das lojas, no seu caminho de regresso a casa, após o trabalho, apreciando o roçar do tecido nos tornozelos, a que não estava acostumada.

Paradoxalmente, eram momentos assim, breves momentos de felicidade inesperada, que acentuavam ainda mais a falta dele, que lhe abalavam a estabilidade, que ameaçavam a máscara. Descobriu que, a seguir, vinha sempre uma sensação de desespero ainda mais profunda, quando a dor da falta dele surgia como uma faca no coração.

Haviam passado mais de dois anos desde a última vez que o vira, e, embora o seu rosto querido lhe sorrisse na fotografia sobre a mesa de cabeceira, e que ela beijava todas as noites, começava a perder as recordações mais importantes: o cheiro doce e limpo do sabonete de barbear, o timbre profundo da voz dele, que parecia vibrar-lhe no peito, a alegria exuberante da sua gargalhada. Era como se a mente de Ruby a protegesse, desfocando o que conhecia dele, tornando-o, de certa forma, menos real. A culpa queimava-a como um ferro em brasa, que o homem que amara quase toda a vida se desvanecesse lentamente da sua memória; que ela estivesse viva, e ele não.

Mas não queimava tanto quanto tê-lo traído em vida.

* * *

O pai de Bertie cumpriu a sua palavra. No dia marcado, foi buscá-la de táxi, comprou bilhetes de comboio para ambos, com destino à estação de Victoria, e pagou-lhe um chá e uma sandes. Na viagem, estava mais animado do que o via há anos, apontando para locais de referência à passagem, debatendo planos para o desenvolvimento da Hopegoods, agora que a sombra da guerra passara, e dando conselhos quanto ao comportamento dela na visita, em particular que deveria

ter cuidado com estranhos. Parecia desfrutar daquela interrupção na sua rotina diária, longe das responsabilidades dos armazéns e da sua esposa receosa e chorosa.

Na estação de Victoria, avistou de imediato o representante da Thomas Cook.

— Sou o Major Wilson, mas trate-me por John. Temos muito gosto em tê-la a bordo — disse o homem, apertando vigorosamente a mão de Ruby, como um torno de quebrar ossos. Depois virou-se para Albert: — Não se preocupe, cavalheiro. Tomarei conta da sua nora.

O major era um homem franco, de meia-idade, com um sorriso bondoso; não sendo alto, tinha um porte que não deixava dúvidas: não tolerava impertinências. Constava que tinha passado 20 anos no exército, incluindo vários nas trincheiras, antes de ficar inválido, com uma perna incapacitada.

— A coisa mais difícil que jamais fiz — contou a Ruby, enquanto esperavam pelos outros — foi deixar lá os rapazes para enfrentarem os boches sem mim. De cortar o coração. O exército não quer um aleijado como eu. Não sirvo para nada, desculpe a frontalidade. — Fez um esgar, tocando no joelho. — Quando a Cook abriu vagas para guias, vi uma oportunidade. Acompanhar pessoas como a senhora aos campos de batalha, de modo a prestarem homenagem aos seus entes queridos, é a melhor maneira que me ocorre de honrar os meus camaradas. Tem de se dar sentido a isto tudo, de algum modo. — Após uma pausa discreta, acrescentou: — É o seu marido, não é? Morreu em Passchendaele? Era jovem, calculo?

— Tinha 20 anos — respondeu ela, esforçando-se por que a voz não lhe tremesse. O major aguardava, fitando-a, à espera de mais. — Só lá estive nove meses — acrescentou ela. — Tínhamos acabado de nos casar. Nunca o encontraram.

— Que Deus a abençoe! — disse ele, simplesmente. — É um ato de bravura, visitar os campos de batalha. Admiro-lhe a coragem, mas posso garantir-lhe que a maioria das pessoas encontra alguma paz.

Apesar da cautela inicial, Ruby apreciou aquele jeito terra a terra dele. Andara tão ocupada simplesmente a pôr um pé à frente do outro,

para passar cada dia, um de cada vez, que se esquecera de olhar para cima. A guerra acabara, mas não provinha alívio da desolação: os homens voltavam incapacitados e, frequentemente, não encontravam emprego ou alojamento. Nos jornais, falava-se de greves e tumultos, e ainda havia racionamento de alimentos. De que servira aquilo tudo, afinal? Porém, se, como dizia o Major Wilson, aquela viagem a ajudasse a dar algum sentido a tudo, certamente que valeria a pena.

O grupo rapidamente se juntou — cerca de dez pessoas, quase todas mais velhas do que ela — e foi levado para o comboio de Dover, numa carruagem que tresandava a tabaco e a cascas de laranja. Parecia pairar no ar um grande peso de mágoa, quase visível. Ruby observou os colegas de viagem. A maioria eram casais, parecia-lhe, a falar em voz baixa entre si, ou sentados em silêncio, reservados e macilentos. Um homem de venda no olho estava sentado ao lado da esposa, pálida e com ar frágil. Ruby vislumbrou outra mulher sozinha, alta e algo espampanante, com cabelo castanho lustroso pelos ombros, tipo estrela de cinema. Casaco vermelho-vivo e chapéu a combinar, com aba flamejante. Vermelho? Para os cemitérios? Mas que impróprio! Felizmente, parecia que não estava na mesma carruagem.

Estar em grupo fazia com que Ruby se sentisse ainda mais sozinha, e desejou, pela enésima vez, ter tido coragem para recusar o pedido de Albert. Deu por si sentada em frente a um casal que tagarelava sobre os filhos, falecidos com um ano de diferença, nos campos da Flandres.

— Deram a vida pelo Rei e pela Nação — disse o homem. — É o nosso consolo.

— Queremos encontrar as campas deles — acrescentou a mulher, numa voz embargada pelo desgosto. — Para lhes dizermos o quanto... — Emudeceu, fungando para dentro do lenço.

— Não fiques assim — consolou-a o marido, apertando-lhe o braço. — Temos de ser fortes.

Parecia que estava novamente com Albert e Ivy.

No final da viagem, Ruby ficara a saber tudo acerca dos filhos deles. Não se importava; sentia-se aliviada por o casal parecer tão

ensimesmado na sua carência e orgulho que não lhe fizera uma única pergunta. Talvez fosse só por educação. Ela receava não conseguir manter a compostura se alguém mostrasse compaixão. *Isto é apenas entre mim e o Bertie*, disse para consigo.

Agora, no convés do navio, ao sol, o seu coração começava, por fim, a animar-se. A espera de semanas e a ansiedade quase paralisante eram já ténues. O céu estava de um azul impecável, a água ligeiramente revolta por uma suavíssima brisa. O cheiro a maresia e a algas, que ela sentira ao sair do comboio, adquirira cambiantes reconfortantes de tinta fresca e verniz.

A última vez que estivera na água tinha sido no lago artificial do Parque de Christchurch, e achara enervante a instabilidade do barquinho a remos. Porém, aquele navio parecia tão firme sob os seus pés que até custava a crer já não estarem em terra. Uma gaivota enorme, cinzenta e branca, pousou na amurada à frente dela, inclinando a cabeça para um lado, como se a interrogasse com os seus penetrantes olhos amarelos.

— Olá, pássaro — disse Ruby. — Não tenho nada para ti... Que pena!

Mais abaixo, no cais, os homens começaram a empurrar as escadas dos costados para longe do navio. Grandes rolos de cordas, grossas como o braço de um homem, foram atirados de cada lado e içados pelos grupos de operários que aguardavam. Os berros deles foram abafados por uma rajada súbita e ensurdecadora da sirene do navio, que parecia reverberar no corpo de Ruby. A gaivota levantou voo, deixando uma mancha branca na madeira envernizada da amurada.

Uma pena fofa aterrou no convés. Ruby apanhou-a, virando-a nos dedos, maravilhada com a sua delicadeza. De repente, lembrou-se de ter lido, no início da guerra, que havia mulheres a distribuir penas como aquela, para os homens sentirem vergonha e alistarem-se. Estremeceu e largou a pena de imediato. Preferia que tivessem chamado cobarde a Bertie e que ele chegasse a casa com uma pena daquelas do que com os documentos de recrutamento. Pelo menos, ainda estaria vivo.

Quase impercetivelmente ao início, e depois com mais rapidez, o navio afastou-se da doca. Ao lado de Ruby, outros passageiros acenavam aos amigos lá em baixo, despedindo-se. O navio ganhou velocidade, passando pela entrada das docas até ao mar aberto. A brisa aumentou, e a maioria dos passageiros retirou-se para baixo. Ruby, porém, estava decidida a ver a terra sumir-se da vista. Teria sido a última visão que Bertie tivera de Inglaterra, e ela devia-lhe isso, contemplar a terra até desaparecer. O que lhe passaria pela cabeça, naquele dia? Estaria preocupado, ou assustado? Ter-se-ia interrogado sobre quando voltaria a ver aquelas falésias brancas?

Ou talvez a sua disposição estivesse animada pelo entusiasmo da viagem: novas vistas, novos sons. Afinal, estava com os camaradas; estariam todos a reinar uns com os outros e a dizer graçolas, claro. Na escola, chamavam-lhe o palhaço da turma. Animava-a imaginar o quanto os outros homens teriam gostado da impertinência dele, da sua generosidade — sempre a oferecer cigarros —, e como os teria divertido.

Era fim de tarde, e a brancura intensa das falésias calcárias, iluminadas pelo sol, formava uma faixa ampla e brilhante, quase sobrenatural, ao longo da costa que separava o mar cinzento do céu azul. Ruby deixou-se ficar, fascinada, à medida que o navio avançava, paulatinamente.

— É cá uma paisagem, não é?

A voz, com o inconfundível sotaque americano, sobressaltou-a. Julgara-se sozinha no convés. Ergueu o olhar e deparou-se com a estrela de cinema alta que vira entrar para o comboio. Os lábios escarlates sorriam amplamente, mostrando os dentes maiores e mais brancos que Ruby jamais vira.

— Alice Palmer. Muito gosto em conhecer-te.

Um romance histórico emocionante e inspirador sobre três mulheres que procuram dar sentido à vida depois da guerra.


Em 1919, após o fim da Primeira Guerra Mundial, começam a ser organizadas excursões aos campos de batalha da Flandres, levando milhares de pessoas a visitar aquela área devastada pela guerra onde inúmeros homens lutaram e perderam a vida. Este negócio turístico é controverso, mas muitos são os que ainda têm esperança de encontrar os seus entes queridos, dados como desaparecidos.

É neste contexto que o destino de três mulheres se cruza. Ruby é uma jovem inglesa que mantém acesa a esperança de encontrar o marido. Alice, de nacionalidade norte-americana, atravessa o oceano determinada a voltar a ver o irmão, que acredita estar vivo. Já Martha é uma alemã que reza para conseguir encontrar a campa do filho mais velho e prestar-lhe uma última homenagem.

Estas três mulheres, com histórias de vida diferentes, procuram reconciliar-se consigo próprias depois do que a guerra lhes tirou, e juntas tentam encarar o futuro com a esperança renovada.

**«O pós-guerra pode ser absolutamente terrível.
Esta história terna concentra-se no lado positivo desse período,
sem ignorar a destruição e a dor de um conflito épico.»**

Daily Mail

TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-8917-04-1  9 789898 917041 Romance Histórico
--	---